



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**BRUNA NICOLETTI**

# **AUTONOMIA**

Palhoça  
2018

**BRUNA NICOLETTI**

**AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de jornalista.

Orientadora: Daniela Facchini Germann, Ms.

Palhoça

2018

**BRUNA NICOLETTI**

**AUTONOMIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Jornalista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 03 de dezembro de 2018.

---

Professor e orientador Daniela Facchini Germann, Ms.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Vanessa Pedro, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Luciano Bitencourt, Esp.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo apoio, amor e carinho que me transmitiram durante toda a minha vida, e também por muitas vezes terem renunciado dos seus sonhos para investir na minha educação e bem-estar. Todo o esforço investido neste trabalho é para mostrar para vocês que valeu a pena.

Ao Jaime, por trazer leveza e amor para os meus dias, e me acompanhar e cobrar durante todo o processo do projeto. Sem sua ajuda, tenho certeza que esse ano teria sido muito mais difícil.

Agradeço aos meus amigos, que foram fundamentais na minha formação pessoal e acadêmica. À Elisa e o Guilherme, por me receberem de braços abertos em um momento de fragilidade e mudanças. Também à Marcela e Carolina pela amizade de todos os dias e por tornarem todo o caminho, dentro e fora da universidade, muito mais divertido e desafiador.

À Daniela, minha orientadora, que teve o importante papel de diminuir minhas ansiedades e me fazer enxergar o projeto com mais clareza. Obrigada por todo o incentivo.

E por fim, à todos que participam de alguma forma das atividades da ONG Autonomia, por me acolherem e acreditarem no projeto. Especialmente à Milton Almeida, Eduardo Adrian de Matos e Francieli Torquato por aceitarem participar ativamente do documentário e compartilhar suas histórias.

“O autismo é parte deste mundo, não um mundo à parte” (Educando En La Vida).

## RESUMO

Autonomia é um documentário colaborativo com pessoas autistas sobre suas narrativas, que trabalha o jornalismo a partir de uma outra perspectiva. Trazendo questões do cotidiano de cada personagem e buscando suas singularidades. Este documentário não busca chegar à uma definição, em um comportamento comum ou em algum consenso científico. Mas sim, se relacionar com as pessoas, que têm experiências para trocar e coisas para aprender juntas. O autismo é um assunto que vem sendo muito tratado na mídia brasileira. Podemos encontrar diversas matérias, reportagens e até documentários que buscam desvendar os mistérios deste mundo. Porém, pouco se fala com os autistas sobre suas histórias, seus anseios e suas vidas de forma mais aprofundada. Elas, geralmente, servem como uma ilustração para as questões científicas, médicas e jurídicas que envolvem o autismo. O principal objetivo desse projeto é sensibilizar a sociedade sobre as questões que envolvem a rotina de uma pessoa autista, buscando mais empatia trazendo um retrato dessa realidade.

Palavras-chave: Documentário. Autismo. Narrativas do cotidiano.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>9</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
3.1 OBJETIVO GERAL.....	11
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	11
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
5.1 O AUTISMO.....	14
5.2 O DOCUMENTÁRIO.....	16
<b>6. DESCRIÇÃO DO PROCESSO E PRODUTO E ESCOLHAS ESTÉTICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO .....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento, que pode abranger três esferas: a comunicação, o comportamento e a socialização. Ou seja, a maioria das pessoas autistas têm dificuldades em receber e enviar mensagens - pela fala, audição, leitura ou escrita -, em resolver problemas do seu dia a dia, em se relacionar com outras pessoas e também de controlar o seu comportamento na sociedade, em ambientes como escola ou trabalho. Porém, não conseguimos comparar um autista com outro, já que cada indivíduo apresenta características particulares e existem níveis diferentes, desde os mais leves, até os mais altos (TRAMONTE, 2015).

As razões pelas quais o transtorno se desenvolve ainda são desconhecidas. Existem algumas hipóteses, porém, nada ainda foi confirmado pela ciência. As teorias sobre este assunto e o possível aumento da incidência de autismo na sociedade são alguns dos motivos do assunto estar sendo muito lembrado na mídia atualmente. Porém, pouco se fala e interage com as pessoas autistas sobre elas mesmas.

Este documentário não busca chegar à uma definição, em um comportamento comum ou em algum consenso científico. Mas sim, se relacionar com as pessoas, que têm experiências para trocar e coisas para aprender juntas. Assim, buscando outras formas do fazer jornalístico, que fogem dos padrões adotados nos grandes canais de comunicação brasileiros.

O embate se trava no momento em que é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano. Inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social, para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico. (MEDINA, 2003, p. 40)

Não se trata de uma tentativa de reproduzir de forma fiel e absoluta a realidade ao seu redor. É uma produção que busca a colaboração, fruto de um contato mais próximo com as pessoas autistas, com seus diferentes olhares através das câmeras, com o seu dia a dia, entre as coisas banais como pegar um ônibus, brincar ou tomar um café da tarde, até os grandes acontecimentos, que podem surgir na vida de qualquer pessoa.



## 2. JUSTIFICATIVA

O cotidiano das pessoas com autismo foi escolhido como tema por um interesse particular em entender e se aprofundar no assunto. Partindo de uma percepção, individual, da necessidade de outras abordagens do tema na mídia e inserção da mesma na pauta social.

O autismo é um assunto que vem sendo muito tratado na mídia brasileira. Podemos encontrar diversas matérias, reportagens e até documentários que buscam desvendar os mistérios deste mundo. Porém, pouco se fala com os autistas sobre suas histórias, seus anseios e suas vidas de forma mais aprofundada. Elas, geralmente, servem como uma ilustração para as questões científicas, médicas e jurídicas que envolvem o autismo.

Em uma pesquisa que analisou a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira entre os anos de 2000 e 2012, foram levantados alguns dados sobre essa abordagem:

Entre as 297 matérias em que o tema central é o autismo, ou há alguma discussão a respeito, a ciência – e, mais especificamente, as neurociências – aparece como o contexto mais frequente no qual se desenrolam as narrativas jornalísticas da amostra analisada, com 32%, seguida da saúde, com 23,5%. [...] Por outro lado, há também um número significativo de matérias que falam do autismo como uma condição que exige cuidados em saúde. Tais matérias variam em formato e em objetivo, mas são, geralmente, informativas, descrevendo as características do autismo de uma forma mais ampla, informando sobre instituições e associações que oferecem tratamento e apoio para as famílias, ou divulgando um ou outro tratamento específico. Esse tipo de matéria foi classificado como pertencente ao campo da saúde. Encontramos, ainda, outras formas de abordagem do assunto autismo, quais sejam: direito (10,2%), arte e entretenimento (8,8%), educação (7,5%), política (5,7%), entre outros (trabalho, vida pessoal, tecnologia etc.). Entre aquelas em que há uma simples menção ao termo autismo ou autista, as de ciência também lideram como tema principal (31,3%), seguidas pelas da saúde (14,5%). Se considerarmos o percentual de aparecimento desses dois assuntos juntos, chegamos a 45,8% do total das matérias. (Rios et al, 2015, p.329)

Observaram também, a carência de relatos de autistas em primeira pessoa (6,1%) e um número menor ainda de relatos de autistas brasileiros (1,7%). Segundo a pesquisa, quando se dá espaço para um autista falar, ele normalmente possui alguma dessas características: é estrangeiro, conhecido internacionalmente por ter escrito sua biografia, engajado na causa autista, apareceram em documentários famosos ou são profissionais de destaque. Além disso, em muitos casos, o jornalista se torna o narrador principal, que cita trechos do relato original do entrevistado para a matéria. Em quase metade dos relatos, as falas citadas são de mães de autistas. (RIOS et al., 2015, p. 330).

Analisando esses aspectos, considero de extrema importância a produção de materiais que invistam nesse contato mais próximo com as pessoas autistas, para que elas sejam protagonistas da suas próprias histórias e não apenas um plano de fundo. Isso, além de ser fundamental para representatividade desse grupo na sociedade, também é importante para que outras pessoas conheçam mais sobre seu dia a dia, suas dificuldades, felicidades e sonhos, e assim, haja mais empatia.

Empatia é entender a realidade através de outros olhares, é detectar e entender as emoções de outras pessoas e aprender sobre algum assunto ou lugar que ainda não conhecemos. A arte - especialmente os filmes - é uma das formas mais eficazes de adentrar em outras experiências e compreender outras formas de vida.

Os documentários nos dão a sensação de que podemos entender como outros atores sociais experimentam situações e acontecimentos que se encaixam em categorias familiares (vida familiar, assistência médica, orientação sexual, justiça social, morte e assim por diante). Os documentários proporcionam uma orientação sobre a experiência de outros e, por extensão, sobre as práticas sociais que compartilhamos com eles (NICHOLS, 2005, p. 108)

Por isso, o documentário se destaca, já que trabalha não só com o imaginário, mas tem como alicerce histórias reais e cotidianas. Saber que a trama está, realmente, sendo vivenciada por outras pessoas em algum lugar do mundo, é uma das razões pela qual é possível construir uma maior aproximação com os personagens e elevar os níveis de empatia nesse tipo de produção.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Sensibilizar a sociedade sobre as questões que envolvem a rotina de uma pessoa autista, buscando mais empatia trazendo um retrato dessa realidade.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Produzir um documentário colaborativo de aproximadamente 10 minutos.
- Trabalhar o jornalismo a partir de um outro olhar, que busca humanizar a apresentação do assunto, autismo, nas mídias. No sentido de trazer o aspecto humano em sua totalidade, não como sustentação para dados científicos ou denúncias ao governo.
- Registrar a rotina de pessoas com níveis diferentes de autismo.
- Trazer o autista como protagonista, sendo suas famílias e outras pessoas envolvidas em sua rotina, personagens secundários.

#### 4. METODOLOGIA

O propósito da metodologia de produção do documentário é exploratório, tendo em vista, a busca por mais conhecimento e familiaridade com o assunto, antes, durante e após a produção. Ela conta com algumas etapas e procedimentos, que seguem, respectivamente, esta ordem: revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas.

Na primeira parte do projeto, a revisão bibliográfica, foram analisados livros, filmes, documentários e materiais de cunho jornalístico relacionados ao autismo e as teorias que envolvem a produção de um documentário. Já a pesquisa de campo se deu em visitas, conversas e participação em eventos de entidades que dão apoio aos autistas de Florianópolis e região. Por fim, as entrevistas, em que acompanhei o dia a dia de cada personagem durante determinado tempo.

O documentarista deve se converter em um especialista amador do tema: lendo, analisando, estudando todos os pormenores do assunto - não tanto para fabricar um produto 'documentado', mas para ter maior liberdade de ação durante a filmagem. Quanto mais profunda for sua pesquisa, maiores serão as possibilidades para improvisar e desfrutar de maior liberdade de movimento. Não só se deve pesquisar entre quatro paredes, mas também visitar arquivos, bibliotecas, museus, centros de documentação ou fazer entrevistas com conhecedores da matéria. É um trabalho bem parecido ao de um escritor. (GUZMÁN, 2017, p.41)

Este pretende ser um documentário colaborativo com pessoas autistas sobre suas narrativas, ou seja, trabalhar o jornalismo a partir de uma outra perspectiva. Trazendo questões do cotidiano de cada personagem e buscando suas singularidades. Esta outra perspectiva, não é apenas a busca da jornalista, mas também, dos próprios participantes, que serão parte de toda a produção, desde a concepção do projeto, até a captação de imagens, desde que se sintam confortáveis nesta posição. Para que isso ocorra de maneira natural, é preciso construir um relacionamento mais próximo com essas pessoas, para só então, começar a acompanhar suas rotinas.

Este relacionamento foi construído aos poucos. Ele teve início com visitas periódicas as sedes da Associação de Pais e Amigos do Autista (AMA) de Florianópolis e a Organização Não Governamental (ONG) Autonomia, além da participação em eventos produzidos pelas entidades. Após este início, foi feito o contato com os potenciais personagens e suas famílias.

A partir deste momento, se iniciou então o relacionamento individual com cada personagem e suas famílias.

Tendo em vista a forma de construção do documentário, é preciso ressaltar, que algumas “sujeiras” são assumidas como parte do mesmo. Esta, não pretende ser uma produção higienista, em que as falhas, contatos e conversas são suprimidas e rejeitadas. A intenção desta escolha, é deixar o espectador ciente que este é apenas um retrato, fruto de uma percepção a partir do contato com a realidade de algumas pessoas autistas, não necessariamente a verdade absoluta de suas vidas.

A singularidade da fala de cada entrevistado diante da câmera, as diferentes visões de mundo que são expressas, seus silêncios, suas atitudes, enfim, sua performance, tudo contribui para evidenciar as peculiaridades de cada personagem. Eles deixam de “representar” uma categoria social para representarem a si mesmos. (D’Almeida, 2006, p. 7)

Algumas escolhas estéticas visam facilitar o contato com os personagens e tornar esta uma experiência um pouco mais agradável para eles. Todo o documentário foi filmado com câmeras pequenas, com microfone embutido na mesma, sem a utilização de tripé e com iluminação natural. Tendo em vista que a rotina é cheia de deslocamentos, não só do corpo, mas também do olhar e da audição. Além disso, algumas pessoas autistas têm hipersensibilidades no contato com a pele, na visão e na audição. Sendo assim, a utilização de fresnéis, refletores ou lapelas e alguns outros equipamentos se distanciam da proposta da produção.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 Autismo

Em 1911, Eugen Bleuler (1857-1939), introduziu o termo autismo na literatura médica, para caracterizar pessoas que tinham dificuldade para interagir com os demais e com muita tendência ao isolamento. Ainda assim, adotou com um significado muito diferente do atual, que abrangia mais as pessoas psicóticas e esquizofrênicas. Bleuler falava de autismo como um distúrbio da consciência no qual há desligamento parcial ou absoluto da pessoa em relação à realidade e a vida interior. (STELZER, 2010)

O psiquiatra Leo Kanner foi o primeiro a evidenciar o autismo clássico, em 1943. “Ele descreveu com pormenores o que julgava ser uma condição neurológica única que era aparentemente decorrente da incapacidade de estabelecer vínculos afetivos próximos com outras pessoas e para tolerar modificações menores do ambiente e das rotinas diárias.” Outras características observadas foram: a incapacidade de se relacionar com as demais pessoas, alterações de fala e linguagem, sensibilidade pouco comum a determinados fatos e situações, comportamentos repetitivos, entre outros. (STELZER, 2010)

Kanner acreditava que a frieza, a distância ou a falta de amor dos pais, principalmente as mães, eram responsáveis pelo padrão de comportamento da criança autista, criando o termo “mãe geladeira”. Segundo a teoria, a mãe também precisava ser curada para que houvesse esperança de melhora da criança, já que elas faziam parte do problema. (STELZER, 2010)

Elas se esforçavam para recordar os momentos em que podiam ter feito algo errado — sem sequer o saber —, algo que havia traumatizado os bebês de tal modo que eles se recolheram para sempre numa versão própria de realidade. Era um trabalho difícil, sério, baseado na presunção de que os filhos tinham nascido “normais” e depois, de algum modo, a própria mãe lhes infligira uma ferida psíquica. (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 103)

Em Viena, na Áustria, Hans Asperger também estudava o autismo e se tornaria um dos grandes pesquisadores da área. Segundo, Stelzer (2010) “Asperger descrevia meninos com inteligência preservada e com desenvolvimento de linguagem normal, mas que apresentavam comportamento autista e comprometimento importante de habilidades sociais e de comunicação.”

Existiram outros pesquisadores que tentaram entender o autismo e achar uma resposta para o comportamento dessas pessoas. Por muito tempo, até mesmo no início da década de 2000, o autismo retoricamente era considerado como um ladrão, um inimigo ou parasita e a busca por uma cura era fundamental. Slogans como “Essa doença arrebatou os nossos filhos. É tempo de recuperá-los”, ou frases como “É como se tivessem entrado furtivamente na sua casa durante a noite e deixado atrás o corpo perplexo do seu filho.”, eram comuns. (DONVAN; ZUCKER, 2017)

Em contraponto a isso, surgiu a teoria da Neurodiversidade, que afirma que o autismo não deve ser considerado como um problema de desenvolvimento, e sim como uma variação neurológica. O grupo encontrou apoio em outros que também buscavam a aceitação do ser como ele é, entre eles o movimento LGBT. (DONVAN; ZUCKER, 2017)

Segundo o seu princípio central, ter autismo — ou “ser autista”, formulação preferida pelos adeptos dessa filosofia — era apenas mais uma maneira de ser humano. Assim enunciada, a ideia parecia sadia e nada contenciosa. Mas o seu passo lógico seguinte foi uma afirmação muito mais controversa: já que ser humano não requeria cura, o autismo tampouco precisava de cura. E não se devia propor nenhum esforço para fazer com que o autismo desaparecesse. (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 646)

Figura 1 - Cartoon Humor Azul





(Tramonte, 2015, p. 11)

A mídia também teve um papel importante na construção histórica do autismo. Algumas pessoas autistas ficaram muito conhecidas por suas histórias e se tornaram ícones, como: Temple Grandin, John Elder Robison, Susan Boyle, Jacob Barnett e Ari Ne'eman. Porém, segundo Donvan e Zucker (2017), essas representações não abrangiam todos os graus do espectro autista e talvez ajudaram a criar uma visão romantizada dessas pessoas:

Os noticiários noturnos raramente contavam a história dos membros da comunidade do autismo que eram incapazes de dar entrevista. E o público ficava com um entendimento equivocado do quanto o “autismo real”, como algumas famílias o chamavam em particular e desafiando a argumentação da neurodiversidade, era debilitante e solapava as oportunidades de uma vida bem vivida. (DONVAN; ZUCKER, 2017, p. 659)

Muito do que vemos sobre autismo é relacionado às questões médicas ou acessibilidade na sociedade. Também existem alguns relatos pessoais, muitas vezes conhecidos apenas por pessoas que convivem com autistas em sua família. Por este motivo, a sociedade em geral não consegue enxergar quem são essas pessoas, o que elas gostam de fazer, como se relacionam com outras pessoas e se expressam - não só pela fala -, enfim, como é a sua rotina fora dos centros médicos e consultas com especialistas. Por este motivo, este documentário não pretende chegar à conclusões ou definições científicas, mas sim, acompanhar e participar da rotina de pessoas autistas, buscando novos olhares e narrativas do cotidiano.

## 5.2 As narrativas e o documentário

O quê, quando, onde, como e por quê, são as perguntas respondidas em quase todos os materiais jornalísticos logo no primeiro minuto ou parágrafo. Dessa forma, os jornalistas se tornam técnicos em resumir histórias e notícias, em difundir para a sociedade um determinado acontecimento de forma objetiva e rápida, em que não é necessário pensar muito



para entender a mensagem a partir da comunicação de massa. Isso, faz parte de um modelo utilizado desde o século XIX, que muitas vezes não dá conta das demandas coletivas e torna-se insuficiente para conhecer profundamente o outro.

O fechamento numa razão reducionista impede a emoção solidária que capta os movimentos do outro, da mesma maneira que a atrofia dos sentidos de relação não favorece a razão complexa; como criar uma narrativa ao mesmo tempo sedutora e inusitada, se a forma está aprisionada a regras de uma razão instrumental que, por sua vez, não legitima a emoção como força motriz do ser humano? Assim, desumanizada, preconceituosa e estática, a narrativa predominante exhibe, de forma sintomática, as crises da cultura e da escolaridade nos marcos da modernidade. (MEDINA, 2003, p. 50)

Tendo em vista essa reflexão, este documentário pretende experimentar o jornalismo de outras formas, que fujam dessas fórmulas pré-determinadas. Buscando trabalhar com as experiências, com a relação sujeito-sujeito e deixando que os momentos e as emoções tragam fluidez à experiência.

Esta tentativa se inicia com o esforço para encontrar uma história que precisa ser contada. Para Guzmán (2017, p. 19) “há, em cada lugar da cidade, nas ruas, nas casas, em todas as partes, em todas as horas, inumeráveis átomos dramáticos que refletem um pedaço da vida, uma cena microscópica da existência humana”, que são como letras soltas em que o cineasta pode construir palavras e frases. O que diferencia as produções é o que ele chama de dispositivo narrativo: o fator que impulsiona a história e a faz ter um olhar diferenciado.

Exemplificando o conceito de dispositivo narrativo a partir da temática que envolve as pessoas autistas, podemos pensar em diferentes olhares. Talvez, em um primeiro momento surjam algumas ideias: entrevistar médicos especialistas no assunto, psicólogos e educadores. Além das famílias das pessoas autistas, que falam das dificuldades de interação dessas pessoas e também as pessoas autistas, que contam como descobriram a condição e como lidam com elas. Isso tudo, seguido por imagens de cobertura que demonstram o que está sendo dito.

Ela, porém, não é nada. Não tem dimensão artística. É uma peça fabricada com base em unidades separadas, sem desenvolvimento interno. Não possui estrutura dramática. Tem a forma de um trem. Na frente está a locomotiva, depois vêm os vagões de primeira classe, os vagões de segunda etc. Uma grande maioria de documentários que vemos diariamente na televisão são trens. (GUZMÁN, 2017, p. 30)

Podemos abordar este mesmo assunto em diversos outros dispositivos narrativos, que tentam romper com a forma do trem. E é este o maior desafio desse documentário. Ele busca criar toda a narrativa em torno da rotina de algumas pessoas autistas e, a partir dela, fazer emergir as histórias de cada uma delas. Trabalhando de forma colaborativa e descritiva, na qual podemos enxergar, em alguns momentos, o olhar do outro e suas formas de se comunicar com o mundo.

Um ponto de extrema importância para a narrativa proposta é a escuta. Isso não significa, apenas ouvir atentamente as respostas para as perguntas feitas, mas também não interromper a fala do outro e não criar expectativas em cima de um personagem e insistir para que ele as cumpra. Por outro lado, é estar aberto ao espanto, à surpresa, aos imprevistos, respeitar o tempo de cada um e, para isso, é necessário se esvaziar dos preconceitos e realmente escutar em todos os sentidos.

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. O nosso trabalho é escutar mesmo. Essa escuta tem que ser muito delicada. E ela tem que ser muito delicada por duas razões muito importantes: a primeira, para a gente não atropelar o entrevistado, colocar questões que ele não está preparado, mas também não correr o risco de que ele use as palavras da gente e não as dele para falar. Isso tornaria a matéria ruim. Não seria a narrativa da vida dela, seria uma outra coisa. (BRUM, 2011, p. 310)

Esse não atropelar o entrevistado, também compreende em saber ouvir os silêncios, que podem falar mais do que muitas palavras. Este é outro aspecto que será trabalhado na construção da narrativa para o documentário, já que algumas pessoas autistas têm dificuldades para se expressar em palavras. Um exemplo desse tipo de construção narrativa é o filme Nelson Freire, de João Moreira Salles, que trata de uma pessoa muito tímida que não conseguia falar diante da câmera. Nele, o documentarista acompanhou e filmou o entrevistado por um ano e só no último dia fez a entrevista. O resultado é um filme que descreve principalmente nas cenas do cotidiano quem é Nelson Freire, sua importância, a sua vida e a sua relação com a música.

Em Nelson Freire, o mecanismo da entrevista atinge outra dimensão. As marcas que encontramos no fazer documental de Coutinho serão aprofundadas por João Moreira Salles: os tempos mortos, as palavras reticentes, os imprevistos e as ações inconclusas são radicalizados e valorizados. O próprio realizador, no texto de apresentação do filme, define seu trabalho como “feito de lacunas”, lacunar e fragmentário como a própria fala do entrevistado, cheia de vazios. (D’Almeida, 2006, p.7)

A entrevista é uma vertente narrativa muito importante para a grande maioria dos documentários. Eduardo Coutinho afirmou que “O acaso, a surpresa e a incerteza do resultado é o que me interessam. Eu acho que as relações dão certo quando não são pergunta e resposta, mas um ato colaborativo”, e de certa forma é isso que se busca nessa produção, fugindo das estratégias de entrevistas da televisão ou dos documentários mais tradicionais.

A descrição é outro fator importante para a construção narrativa desse projeto. Segundo Guzmán (2017, p. 49) “Descrever é gravar o que registram nossos olhos; é gravar o nosso olhar. Descrever é observar... olhar, escutar, percorrer, acompanhar, examinar. Descrever é contemplar o mundo sem maior alteração do que a do nosso próprio olhar”, neste caso, o olhar do documentarista e também de alguns dos personagens.

## 6. DESCRIÇÃO DO PROCESSO E PRODUTO E ESCOLHAS ESTÉTICAS

O projeto foi dividido em três grandes etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

A pré-produção teve duração de aproximadamente sete meses, entre fevereiro e agosto de 2018. Nesse período foram realizadas as pesquisas bibliográficas, com o objetivo de entender melhor o tema, bem como as produções que já existiam no Brasil e no exterior sobre o assunto. Em paralelo, foi realizado o primeiro contato com duas ONGs da Grande Florianópolis que dão apoio às pessoas autistas e suas famílias.

Na Autonomia foi possível ter uma participação ativa nas atividades, ao menos uma vez por semana, e começar aos poucos a conhecer melhor cada pessoa e suas histórias. Considero esse um dos períodos mais importantes e desafiadores de todo o processo, era necessário que essa adaptação fosse gradativa e ocorresse de forma natural. Nossos encontros ocorrem normalmente às segundas-feiras, na Oficina de Dança e Movimento, realizada no Centro Integrado de Cultura. Semana a semana, mês a mês, isso foi acontecendo e se mostrou essencial para que eles também participassem da construção do projeto, que tomou forma na medida que era possível entender as principais questões sobre o tema.

Durante o período de produção, ainda participando semanalmente das atividades da ONG, ocorreram encontros individuais com cada personagem para fazer entrevistas ou acompanhar sua rotina, de acordo com a disponibilidade e o desejo de cada um. A gravação se passou entre os meses de setembro, outubro e novembro, com encontros periódicos.

Já durante a pós-produção, todo o material coletado durante os nove meses anteriores foi analisado, decupado e categorizado. A partir daí iniciou a parte da edição do material, com a utilização dos softwares Adobe Premiere Pro CC e Audition CC.

Desde a primeira etapa, algumas escolhas estéticas importantes já foram definidas. A proposta do documentário tem como um dos alicerces a participação ativa dos personagens, inclusive na etapa de captação do material, se eles concordassem com essa posição. Isso refletiu diretamente na questão visual do projeto, já que parte do documentário é filmado por Eduardo Adrian de Matos, um menino de seis anos, que tinha pouco contato anterior com a câmera e um olhar curioso. É por essa escolha estética que muitas vezes as imagens não tem firmeza, foco ou os dedos do garoto aparecem em frente à tela. Eduardo não é um menino tímido, mas não se sentiu muito a vontade de falar em frente às câmeras, por isso, trazer o

olhar dele por trás delas se tornou fundamental para que pudéssemos conhecê-lo. A partir desse ponto de vista, essa é uma forma de trazê-lo mais uma vez em primeira pessoa no documentário e buscar a sensação de rotina com os aspectos do seu dia a dia.

Outra escolha que refletiu diretamente na construção produto final foi a não utilização de microfones na captação do material. A rotina é cheia de ruídos, barulhos e incômodos, por isso, em um projeto que trata o cotidiano dessas pessoas seria contraditório esconder ou disfarçar esses movimentos. Além disso, o documentário perderia momentos que ocorreram de forma natural, sem uma preparação para a utilização do equipamento. Muitas vezes, o próprio Eduardo ligava a câmera e começava a gravar o que achava interessante.

A animação de abertura foi produzida pelo professor Cláudio Duarte, a partir dos desenhos realizados pelos alunos durante a oficina de artes. Trazer essas produções é não só uma forma de valorizar o trabalho feito por essas pessoas, como também mais uma tentativa de colocar, por meio da arte, esse olhar dos personagens e de todos com quem pude ter contato durante o ano.

Três locações principais foram utilizadas na construção do documentário. A primeira delas foi o Centro Integrado de Cultura de Florianópolis, escolhido por ser o local que faz parte da rotina de todas as pessoas da ONG que se encontram semanalmente neste espaço e compartilham experiências. Já a segunda é a casa de Eduardo, que teve um papel fundamental na construção da narrativa de rotina, pois muitas das cenas cotidianas ocorreram nesse ambiente. A Max Gelateria da Lagoa da Conceição foi a terceira, em que Milton Almeida realizou um de seus shows. Além desses cenários, os deslocamentos entre cada um dos locais também são de extrema importância, já que foram utilizados para conectar as locações e demonstrar o cotidiano dos personagens.

Durante as entrevistas, tanto com Milton Almeida quanto com Francieli Torquato e Eduardo, além das palavras, foram buscados também os silêncios, gestos e expressões e isso fica perceptível no vídeo. Dessa forma, como um documentário não é feito apenas por palavras, mas é um conjunto de todos esses aspectos, durante a edição esses momentos não foram suprimidos. Eles buscam evidenciar a singularidade de cada personagem a partir da complexidade da imagem.

Nos filmes do Coutinho, tão importante quanto a fala dos personagens são as expressões faciais e os movimentos do corpo (...) essa posição contraria uma certa

teoria do cinema e também uma idéia do senso comum que definem o documentário como arte feita essencialmente de imagens. Um pensamento estreito que não vê a complexidade da imagem e do som da palavra do outro. (LINS, 2004, p. 110)

Na entrevista de Francieli e Eduardo, o posicionamento da câmera foi pensado para que os dois se relacionassem durante a conversa. Em vários momentos, eles trocam olhares, se complementam e conversam entre si. Dessa forma, foi possível destacar o relacionamento entre mãe e filho, e mesmo que ela fale um pouco mais sobre os sonhos dele para o futuro, Eduardo ainda continua sendo o protagonista principal da cena.

O final da entrevista é um dos exemplos da situação descrita acima, há um momento em que os dois param e conversam por um tempo. Para alguns, esse momento pode ser considerado desnecessário para a narrativa, mas considero fundamental para situar o espectador dentro da rotina dos personagens, que tem uma conversa comum, sobre assuntos banais, na sala de sua casa.

Quanto à trilha sonora, os momentos em que os personagens cantam foram priorizados, tendo em vista que a música faz parte da narrativa de suas vidas e a escolha de cada uma delas nos conta um pouco mais sobre suas personalidades. Já a edição das imagens utilizou cortes secos na maioria das transições, para dar a impressão de continuidade das ações. Apenas em momentos em que é feito algum tipo de rompimento proposital na narrativa é utilizado o recurso black.

Já quanto a estrutura do documentário foram definidos dois objetivos principais. O primeiro deles era não trazer o autismo como a narrativa principal da vida dos personagens, buscando suas outras singularidades e aspectos de suas vidas. Porém, ele não deixa de ser uma parte importante e por isso a última parte do vídeo traz uma reflexão sobre o papel da pessoa autista na sociedade e sua inclusão.

O segundo objetivo era trazer a rotina dos personagens para a linha narrativa da produção. Isso foi colocado em prática da seguinte forma: começamos com Eduardo saindo de casa para ir até a oficina, onde vai três vezes por semana e encontra Milton Almeida. Lá conversamos com o último e entendemos sua relação com a música. Ao fim da oficina voltamos para casa com Eduardo, brincamos e conhecemos os seus sonhos para o futuro, que coincidentemente também envolvem a música. Todo esse caminho percorrido, busca oferecer ao espectador a sensação de que está vivenciando um dia ao lado de Eduardo e Milton. E

apenas após conhecer os dois e “passar um dia juntos” descobrimos que eles tem mais uma coisa em comum, são pessoas autistas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto buscou conhecer um pouco melhor a rotina de algumas pessoas autistas da Grande Florianópolis, com a finalidade da realização de um produto audiovisual. Não se tratava de tentar mostrar ao espectador os conceitos e vertentes sobre o autismo atualmente, mas sim, conhecer pessoas, suas rotinas e sonhos, com o objetivo de gerar empatia.

Como resultado, foi produzido um documentário de aproximadamente 10 minutos que investiu em um contato mais próximo com as pessoas autistas. Além disso, também se preocupou com que as mesmas não fossem apenas pano de fundo para assuntos relacionados à ciência ou saúde, mas que contassem em primeira pessoa suas próprias narrativas para além do autismo.

O trabalho se torna importante enquanto construção social na medida que proporciona um espaço de colaboração entre os personagens e o projeto. Ele não se concretizou como um documentário sobre a rotina de pessoas autistas, mas sim um documentário que aborda a rotina de pessoas autistas.

Essa foi uma experiência de muito crescimento não só profissional, mas também como pessoa. Neste ano, pude entrar em um ambiente totalmente novo, sem nenhuma referência anterior e conhecer um pouco mais a realidade dessas pessoas, me envolver totalmente no projeto da ONG Autonomia e realmente começar a fazer parte deste lugar. Como futura jornalista, considero fundamental tentar enxergar as questões sociais de uma outra forma e sair da abordagem comum sobre alguns assuntos que podem parecer já esgotados. Acredito que esse é apenas o início de um longo caminho no jornalismo social.



## 8. REFERÊNCIAS

TRAMONTE, Rodrigo. **Humor Azul: O lado engraçado do autismo**. Florianópolis: Autonomia, 2015.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente: Narrativa e Cotidiano**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

RIOS, Clarice et al. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 19, n. 53, p.325-336, 27 fev. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê: Um modo de fazer documentários**. São Paulo: Edições Sesc, 2017. 280 p.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **O processo de construção de personagens em documentários de entrevista**. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–UnB. 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0147-1.pdf>> . Acesso em: 22 mar. 2018.

NELSON Freire. Direção de João Moreira Salles. Brasil: Videofilmes, 2003. (102 min.), son., color.

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma pequena história do autismo**. São Leopoldo: Oikos, 2010. Disponível em: <<http://pandorgaautismo.org/includes/downloads/publicacoes/Pandorga-Caderno1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DONVAN, Jonh; ZUCKER, Caren. **Outra Sintonia: A história do autismo**. Brasil: Companhia das Letras, 2017.

BRUM, Eliane. Em Questão. **em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p.307-322, jan. 2011.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: TV, cinema e vídeo.** RJ: Ed. Zahar, 2004

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIRO

<b>Imagem</b>	<b>Áudio</b>
Imagens de Eduardo Adrian de Matos: ônibus chega no ponto de ônibus, ele entra senta em um dos lugares vazios e começa a filmar o trajeto. Corte seco	Fade in Trilha + Som ambiente de fundo
Imagens de Eduardo: os carros enquanto passa a ponte Pedro Ivo Campos  Corte seco	Trilha fica mais baixa e sobe som ambiente com Eduardo falando: “Esse tá mais rápido. O carro rebaixado tá mais rápido. O preto tá indo na frente. A esperança, o vermelho, ganhou”.
Imagens de Eduardo: trajeto de entrada no Centro Integrado de Cultura  Corte seco	Sobe som trilha + diminui som ambiente
Imagens de Eduardo: Eduardo corre nos corredores do CIC e abre a porta da sala.  Corte seco	Trilha + Som ambiente
Vemos Eduardo abrindo a porta por um outro ângulo, agora conseguimos ver que ele tem uma Gopro na mão.  Corte seco	Trilha + Som ambiente
Animação de abertura Texto: Autonomia Corte seco	Trilha
Imagem da mesa na oficina de artes Corte seco	Trilha
Eduardo com os colegas fazendo colagens Corte seco	Trilha
Milton Almeida dançando com tecidos Corte seco	Trilha
Várias pessoas da ong dançando juntas Deep to black	Trilha - Fade out
Deep to black Milton em primeiro plano, em uma área	Entrevista Milton: “Bom, para me apresentar eu sou o Milton Almeida. Eu sou

<p>verde no CIC, onde participa das oficinas da ong Autonomia todas as semanas.</p>	<p>músico desde pequeno, praticamente desde o berço que eu sou músico. O primeiro instrumento que eu toquei foi piano, depois tive violão, guitarra, contrabaixo. Já cheguei a fazer alguns anos de bateria, mas nunca tive esse instrumento e eu.. e hoje em dia eu sou formado em música pela Udesc desde 2007. Hoje em dia eu sou voluntário da ONG autonomia e faço algumas apresentações por ano.”</p>
<p>Milton, no mesmo ambiente, em primeiríssimo plano</p> <p>Corte seco</p>	<p>Entrevista Milton: “Desde criança eu não conseguia viver sem ouvir uma música que realmente me agradasse. Dependendo de cada momento ruim ou bom, tem músicas específicas para meus diversos tipos de humor. Por exemplo, blues, mpb, pop, rock, metal extremo. E eu sou um compositor bem versátil, que não fica preso a um estilo musical apenas. Reggae, música romântica, músicas que me inspiram o prazer sexual, e assim vai.”</p>
<p>Na sala do CIC onde ocorrem as oficinas. Milton, Luiza e Pedro no primeiro plano, ao fundo vemos crianças brincando e os professores. Luiza está gravando com seu celular Milton cantando.</p> <p>Corte seco</p>	<p>Sobe som - Milton cantando música Maresia de Gabriel Pensador.</p>
<p>Milton, no CIC, em primeiríssimo plano</p>	<p>Entrevista Milton: “Olha, o auge do meu lado eclético aconteceu no ano de 83, quando eu cursava a quinta série e era o último ano inteiro da minha moradia na cidade catarinense, na cidade aqui de santa catarina de Dionísio Cerqueira, e o meu pai tinha me dado de presente duas fitas cassete com música basicamente pop e já no ano seguinte, que eu estava morando em Goiânia, o meu pai comprou um rádio gravador, com gravação de cassete de qualidade, microfones embutidos, um rádio</p>

Corte seco	gravador externo, de médio porte, [ <i>Sobe som aos poucos com Milton Cantando A porta de Vinícius de Moraes</i> ] de tape único, rádio AM, FM. Foi ligando o rádio que eu descobri algumas estações diferentes em termo de repertório.”
Imagem Milton e Andréia caminhando na rua em direção à um show. Corte seco	“de tape único, rádio AM, FM.” Ao fundo Milton cantando A porta de Vinícius de Moraes - som continua subindo.
Imagem de Milton se preparando para o show. Abrindo a capa do violão. Corte seco	“Foi ligando o rádio que eu descobri algumas estações...” Ao fundo Milton cantando A porta de Vinícius de Moraes - som continua subindo.
Imagem close nas letras de música. Corte seco	“...diferentes em termo de repertório.” Ao fundo Milton cantando A porta de Vinícius de Moraes - som continua subindo.
Close no rosto de Milton cantando Corte seco	Sobe som total Milton cantando A porta de Vinícius de Moraes.
Close no violão Deep to black	Milton cantando A porta de Vinícius de Moraes. - Fade out
Mônica, Fernanda e Pedro brincando com tecidos. Ao fundo vemos Milton também na atividade. Corte seco	Fade in trilha.
Toda a turma dançando na oficina Corte seco	Trilha
Close na mão de uma criança colorindo um desenho. Corte seco	Trilha
Imagens de Eduardo: Trajeto de volta para casa, vemos o caminho do ônibus. Corte seco	Trilha
Imagens de Eduardo: Plano aberto de dentro do ônibus Corte seco	Trilha



<p>Corte seco</p>	<p>sempre falou: eu quero ser cantor quando eu crescer. Eu quero ser cantor quando eu crescer. E assim ó, era engraçado porque ele fez uma estratégia sabe e a gente começou a achar engraçado o que ele falava para a gente. Porque ele dizia assim: mãe, eu vou ser cantor. E isso ele falava para todo mundo. Eu vou ser cantor, eu vou ter um ônibus bem grande. Que daí quando a gente passava na rua que tinha aqueles ônibus da banda ele falava. Eu vou ter um ônibus e eu vou fazer um show”. Eduardo: “Dentro do ônibus, para ir um monte de pessoas dentro do ônibus andando assim ó (eduardo cantando).” Francieli: “Aí ele dizia assim ó: e eu vou cobrar 20 reais de cada um para poder entrar para assistir o meu show e aí eu vou ter o dinheiro para pagar o ônibus e eu vou pegar a pessoa em casa então a pessoa não vai dizer que não vai ir no meu show. Então ele montou uma estratégia, que aquilo realmente fazia sentido. Ele já tava pensando que ele ia fazer o show, que ele ia pegar a pessoa, então aquilo realmente não era uma brincadeira para ele, eu achava que era realmente um sonho né.</p>
<p>Francieli e Eduardo, em casa, de perfil. Um de frente para o outro, ele está quase deitado, algumas vezes não aparece na cena.</p>	<p>Eduardo: “Ah, daí quando eu ser cantor vai ser muito legal”  Francieli: “Vai ser muito legal né filho. Então canta um pouquinho aí, vira a câmera pra ti ”  Eduardo: “Não, deixar assim ó.”  Francieli: “Não tem que filmar você”.  Eduardo: “Não. Mas daí tu vai ficar vendo?”  Francieli: “Não, só o teus fã”  Eduardo: “Como?”  Francielle: “Daí depois a gente bota lá no youtube”</p>



Corte seco	Eduardo: “Não, não vai para o youtube, vai para o computador. Só tem que mandar para o computador dos outros né. Ó mãe.”
Imagens de Francieli: Eduardo deitado no sofá cantando. Corte seco	Eduardo cantando Apelido Carinhoso de Gustavo Lima. - Fade out
Tela preta Texto: “O autismo é parte deste mundo, não um mundo a parte” Educando en la vida.	Fade in - Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho
Tela preta Texto: um documentário de Bruna Nicoletti	Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho
Tela preta Texto: em parceria com ONG Autonomia	Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho
Tela preta Texto: participação Milton Almeida	Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho
Tela preta Texto: participação Eduardo Adrian de Matos	Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho
Tela preta Texto: participação Francieli Torquato	Milton e Eduardo cantando Aquarela de Toquinho - Fade out